

A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Ana Carolina Alves Caetano

A pesquisa, aqui descrita, vincula-se ao Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*, desenvolvido na UFRJ, que objetiva desenvolver, em última instância, análises contrastivas de variedades da Língua Portuguesa. De orientação sociolinguística, este trabalho pretende estabelecer os padrões de uso da colocação pronominal na variedade moçambicana do Português (PM), considerando a amostra de entrevistas sociolinguísticas que integra o banco de dados *Concordância* (www.concordancia.letas.ufrj.br). Tomando por base pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), adota-se o princípio da heterogeneidade ordenada, segundo o qual toda variação é regulada pela atuação de fatores internos e externos à língua. A partir dos contextos nos quais ocorrem as formas alternantes quanto à colocação pronominal, sistematizam-se os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos para a ordem dos pronomes átonos coletados nas gravações feitas com falantes de Língua Portuguesa em Maputo, capital de Moçambique. Os falantes descritos, homens e mulheres, são distribuídos por diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Além disso, são controladas variáveis de natureza linguística, relacionadas à forma pronominal, ao verbo e à oração em que a estrutura se insere. Partindo da observação inicial dos dados da pesquisa e dos resultados de estudos anteriores (VIEIRA, S., 2002), a descrição preliminar sugere certa instabilidade na ordem dos clíticos pronominais na variedade urbana do Português moçambicano, o que pode estar associado, de um lado, ao fato de o PM constituir uma variedade em formação, e, de outro, à complexa situação de multilinguismo na capital moçambicana. Desse modo, a variedade apresenta tendências – preferência pela ênclise – que a aproximam da variedade europeia, sua suposta norma de referência; entretanto, nem sempre se verifica a atuação dos elementos chamados proclisadores, o que a aproximaria do Português do Brasil. Ao que tudo indica, a frequência de uso e a relação do falante com as línguas locais constituem fatores que influenciam o comportamento dos dados. Esperamos que, a partir desta pesquisa, possamos delimitar os contextos em que ocorrem as variantes pesquisadas para explicar os padrões de uso da ordem dos clíticos pronominais no Português de Moçambique.

Referências bibliográficas

VIEIRA, S. R. *Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana*: para a definição da natureza do clítico em Português. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. (orgs.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

ALTEAMENTO PRETÔNICO: AVALIAÇÃO SUBJETIVA

Anna Carolina da Costa Avelheda Bandeira

O processo de alteamento caracteriza-se pela elevação das vogais médias em posição pré-acental, que passam a se realizar foneticamente como vogais altas. Vem sendo amplamente estudado em várias regiões do território brasileiro sob o viés de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a ocorrência do fenômeno. Para além de considerar os fatores condicionantes que podem propiciar ou coibir a realização de um processo, é importante compreender o viés de avaliação social que pode influenciar em sua implementação e em sua propagação. Com o objetivo de preencher essa lacuna existente no estudo do alçamento de vogais pretônicas, o presente estudo conjuga uma abordagem de fatores condicionantes a uma abordagem da avaliação subjetiva atribuída ao fenômeno. No que tange aos fatores que influenciam a realização da vogal média pré-acental, buscam-se considerar o aspecto fonético-fonológico que se circunscreve à vogal-alvo e o aspecto lexical que pode influenciar a realização da vogal média, além de variáveis sociais tradicionalmente utilizadas. No que tange à avaliação subjetiva atribuída ao fenômeno e aos falantes que o utilizam, propõem-se dois modelos de experimentos – um questionário fechado e uma pesquisa de reação subjetiva. Os resultados apontam que o alteamento pretônico é um fenômeno em regressão que é condicionado primordialmente por aspectos fonético-fonológicos (tipo de vogal-alvo, vogal subsequente, consoantes adjacentes) quando se trata da vogal anterior, embora também estejam em jogo algumas peculiaridades lexicais. Em relação à avaliação subjetiva, há questões bastante sutis no estudo do alteamento: os juízes reconhecem que produzem a variante alteada, mas julgam como mais novos, como profissionais menos prestigiados e como detentores de um grau de escolaridade mais baixo aqueles que realizam o alteamento pretônico.

Palavras-chave: alteamento; avaliação subjetiva; sociolinguística variacionista.

Referências bibliográficas

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. “Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 2, p. 23-44, 1981.

AGUILERA, V. de A. Crenças e Atitudes Linguísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. (org). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói, Rio de Janeiro: EdUFF, 2008, p. 311-333.

AVELHEDA, A. C. da C. O alteamento das vogais médias pretônicas no município de Nova Iguaçu: análises sociolinguística e acústica. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2013.

AVELHEDA, A. C. da C.; BATISTA DA SILVEIRA, E. F. & SOUZA, S. C. G. de. Avaliação do Uso Variável das Pretônicas: Estudos Preliminares de Crenças e Atitudes. *Letrônica*, v. 10, n. 1, janeiro-junho 2017. *No Prelo*.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. & ESTEVES, G. A. T. Metodologia de avaliação subjetiva de usos linguísticos em variação. In: LOPES, C. & REICH, U. *Romania. Variação Linguística em Megalópoles Latino-Americanas*, 39: 237-266, 2009.

OUSHIRO, L. *Identidade na Pluralidade: Avaliação, Produção e Percepção Linguística na Cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: USP, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA VARIEDADE MOÇAMBICANA DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO VARIACIONISTA

Bianca Ferreira da Costa

O presente trabalho, que se vincula ao *Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*, descreve a expressão de primeira pessoa do plural com *nós* e com *a gente* e os respectivos padrões de concordância em variedades urbanas do Português de Moçambique (PM). Para tanto, observa o comportamento das ocorrências de verbos relacionados com sujeitos de primeira pessoa do plural no Banco de dados *Concordância* (entrevista sociolinguística), partindo dos preceitos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Observam-se os padrões de concordância verbal na variedade em questão, com o intuito de identificar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos para a realização das formas alternantes, com ou sem marcação padrão de pluralidade. Para tanto, conta-se com ocorrências coletadas a partir das gravações com falantes de Português em Maputo/Moçambique – seja como língua materna, seja como segunda língua. Os participantes, homens e mulheres, todos com nível fundamental de instrução, são distribuídos em três diferentes faixas etárias (18 a 35 anos; 36 a 55 anos; acima de 55 anos). Além dos fatores extralinguísticos, são controladas variáveis de natureza linguística, relacionadas ao sujeito e à forma verbal. A análise do fenômeno em trabalhos anteriores (VIEIRA; BRANDÃO, 2014) e a observação preliminar dos dados sugerem que haveria alternância entre as formas *a gente* e *nós* na variedade moçambicana, com forte preferência por *nós*. No que se refere aos padrões com a forma *nós*, haveria forte realização da concordância padrão (*nós cantamos*). Contudo, tem-se por hipótese que o maior emprego das línguas locais pode constituir fator que desfavoreça a concordância padrão no início do processo de aprendizagem da Língua Portuguesa para falantes que a adquiriram como L2. Quanto à forma verbal relacionada a *a gente*, a variedade urbana moçambicana parece registrar certa variação entre singular e plural, o que ainda precisa ser mais detalhadamente investigado. Espera-se que o trabalho contribua com a análise comparativa de variedades do Português, em relação à descrição do quadro pronominal e dos padrões de concordância. Os resultados da investigação poderão permitir conclusões acerca das motivações linguísticas e extralinguísticas para a mudança registrada em cada variedade em relação à norma de referência, a da variedade europeia do Português.

Referências bibliográficas

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística* 30 (2), p. 81-112, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS ADVERSATIVAS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Camila Pires Alves
Flávia B.M. Hirata-Vale

Enquanto as gramáticas tradicionais mostram-se insuficientes para explicar os fenômenos linguísticos, ignorando os contextos comunicativos e apresentando normas que não reconhecem as mudanças linguísticas e estão distantes do real uso linguístico, o funcionalismo (NEVES, 2000, 2002), se contrapõe a isso, pois propõe o estudo da língua em uso e não como uma estrutura pressuposta, estável. No caso português do Brasil (PB) especificamente, destacam-se os trabalhos realizados por Decat (1993, 2011) acerca de análises de hipotaxe adverbial nesta língua, a partir de uma perspectiva funcionalista. Recentemente, há muitos estudos sobre o uso não-prototípico de orações que, ainda apresentando alguma marca de subordinação, são utilizadas de forma independente, sem estarem relacionadas a uma oração principal, fenômeno este denominado “insubordinação” (EVANS, 2007). No português, as construções condicionais insubordinadas (CCI) foram analisadas por Hirata-Vale (2015, 2017). Segundo a autora, há diferentes tipos de CCIs, dentre as quais destacam-se, neste trabalho, as de valor adversativo, conforme apontado por Schwenter (2016). Para o autor, essas construções podem ser classificadas como independentes e de refutação, e são encontradas com frequência na fala, em contextos de refutação ou objeção imediatas ao que o interlocutor acaba de dizer em contextos dialógicos, como no seguinte exemplo: (1) - Ouve Sixto, ouve, ouve, ouve. - Se ninguém fala. - Ouve-me do chão, de gatas, queres que te ladre? - Talvez não fales porque todas as linguagens do mundo trabalham dentro dessa caixa de baba. (CdP) Neste trabalho, objetiva-se apresentar uma análise de construções condicionais insubordinadas adversativas no português do Brasil, coletas em corpora escrito e falado, de modo a apreender suas características formais e funcionais, seus contextos de ocorrência e ainda verificar se nessas construções, de natureza dialógica, ocorre um processo de intersubjetivização. Espera-se, por fim, que os resultados deste trabalho contribuam para a descrição linguística de fenômenos da língua portuguesa, especificamente no que se refere ao uso das construções condicionais insubordinadas adversativas no português do Brasil. (FAPESP 2017/15225-9)

Referências bibliográficas

DECAT, M. B. N. “*Leite com manga morre*”: da hipotaxe adverbial no português em uso. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. Estruturas desgarradas em língua portuguesa. Campinas: Pontes. 2011.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.), *Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations*. Oxford University Press, Oxford, 2007. p. 366-431.

HIRATA-VALE, F. B. M. *O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015.

_____. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS* (SÃO PAULO, 1978), v. 46, p. 83-97, 2017. 2017.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *A gramática*. História, teoria e análise, ensino. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

SCHWENTER, S. Independent si-Clauses in Spanish: Functions and Consequences for Insubordination. In: EVANS, N, WATANABE, H. (Eds.) *Dynamics of Insubordination*. Amsterdam: Benjamins, 2016.

A CONFIGURAÇÃO SINTÁTICA DAS CONSTRUÇÕES DE TOPICALIZAÇÃO NA ESCRITA CULTA BRASILEIRA

Carolina da Silva Alves

Segundo Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), a topicalização caracteriza-se por ser uma estratégia de construção de tópico marcado na qual há movimento de um constituinte para a posição de tópico, deixando uma categoria vazia na sua posição de origem, como exemplificado em (1) [Aos empresários]_i, Temer disse _____i também que "não vai mover uma palha" para assumir a Presidência da República no lugar de Dilma, que tem enfrentado dificuldades para debelar a crise econômica e política no país. (*O Globo*, 4/9/2015). Nesta oração, o sintagma preposicional [Aos empresários], que é o objeto indireto projetado pelo verbo *dizer*, foi movido para a posição de sintagma tópico, isto é, para a periferia esquerda da sentença. De acordo com as gramáticas de Mateus *et alii* (2003) e Raposo *et alii* (2013), as construções de topicalização no Português Europeu (PE) apresentam restrições no que se refere ao movimento de um sintagma ou parte dele para fora de uma ilha sintática. Assim, não é possível extrair um constituinte do interior de orações relativas e adverbiais, alçando-o para a posição de tópico. Neste contexto, o presente trabalho pretende descrever a configuração sintática das topicalizações no Português Brasileiro (PB) escrito a partir da análise de cinco gêneros textuais do domínio midiático, a fim de evidenciar se a gramática do letrado brasileiro (cf. KATO, 2005) impõe restrições de movimento de constituintes. O *corpus* é constituído por 1.456 textos publicados nos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, no interstício 2009-2015, totalizando 280 editoriais, 280 artigos de opinião, 280 reportagens, 280 crônicas e 336 cartas de leitor. A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros, descritos por Chomsky (1981), e adota a metodologia quantitativa, uma vez que o comportamento estatístico dos dados revela a existência ou não de restrições impostas pelo sistema linguístico em investigação. A análise preliminar dos dados não evidenciou movimento de constituinte para fora de uma ilha sintática, aproximando a escrita culta brasileira da gramática do PE, no que se refere ao fenômeno da topicalização.

Referências bibliográficas

BERLINCK, Rosane de Andrade, DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia e OLIVEIRA, Marilza de. Predicação. In: KATO, M e NASCIMENTO, Milton do (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença*. Vol. III. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2009. pp. 81-149.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

KATO, Mary. “A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical”. In: M. A. Marques, E. Koller, J. Teixeira & A. S. Lemos (orgs). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005. pp. 131-145.

MATEUS, Maria Helena Mira *et. alii*. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: _____. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5 ed. Caminho: Lisboa, 2003. pp. 435-506.

RAPOSO, Eduardo B. P. *et alii*. Construções de topicalização. In: _____. *Gramática do Português*. v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. pp. 401-426.

CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE RELACIONADOS AO MUNDO DO FUTEBOL

Clarissa Fontenlos Figueira

Descreveremos usos da construção com verbo suporte relacionados ao futebol. A construção com verbo suporte é aquela em que o item verbal se liga, como operador de verbalização, a um elemento não-verbal, neste estudo indicativo de jogada esportiva (acompanhado ou não de um sufixo de grau). Esse predicador complexo, por sua vez, pode selecionar argumentos ou não. Para exemplificar as expressões que nos interessam, recorreremos a: “dar (um) drible”, “fazer/marcar (um) gol”; “fazer (um) golaço”, “dar (um) lençolzinho” e “cavar uma faltinha”. Objetivamos verificar quais verbos podem atuar nesse tipo de construção além dos verbos dar e fazer que, em geral, são os mais recorrentes nesse tipo de estrutura; também pretendemos investigar ocorrências de itens verbais as quais mais se alinham ao que MACHADO VIEIRA (2018) intitula de semissuporte nesse tipo de construção. Além disso, buscamos identificar qual a configuração de forma-função dessas expressões. Para isso serão coletados dados em diferentes textos e em fontes diversas, na maioria das vezes, jornalísticas que viabilizem reunir uma diversidade de expressões relacionadas ao futebol e coletadas dentro e fora desse universo discursivo. Nossa atenção não se restringe, então, apenas o contexto esportivo, apesar dessas construções serem mais recorrentes nele, porque queremos ver a extensão de significação/função que elas alcançam no pareamento forma-função que as licencia, olhando seus usos dentro e fora do futebol. Queremos responder a esta questão: como se atualizam expressões cunhadas no futebol dentro e fora desse campo? Nossa hipótese é a de que processos cognitivos vão promover as forças contrárias de extensão/variação semântica e estabilização semântica. Exploraremos, nessa investigação, os conceitos de: (i) níveis de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade e contextualidade das expressões e relações entre elas e padrões construcionais numa rede de predicação verbal, (ii) variação construcional (MACHADO VIEIRA, 2016; LABOV, 2010), mudança construcional e/ou construcionalização gramatical e lexical (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), (iii) verbos suporte e semissuporte.

Referências bibliográficas

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Cognitive and Cultural Factors*. vol. III. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

MACHADO VIEIRA, M. S. Variação e mudança na descrição construcional: complexo verbo-nominais. *Revista Linguística*, n. especial, 2016. p. 152-170.

_____. Predicar com construção com verbo suporte. In: SANTOS, Alessandra de Paula et. al. *Uma história de investigação sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher, 2018. p.91-112.

ANÁLISE FUNCIONAL DAS CONSTRUÇÕES CORRELATAS SUBSTITUTIVAS DE CONTRASTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Daniele Cristina Campos

O objetivo inicial desta pesquisa é examinar a relação sintático-semântica das construções correlatas substitutivas de contraste no português brasileiro instanciadas pelos seguintes padrões sintáticos: não –x, mas sim –y; não –x, e sim –y; não –x, mas –y; nunca –x, mas sim –y; jamais –x, mas sim –y. Desse modo, consideramos que o presente trabalho representa uma importante contribuição à descrição do PB, na medida em que analisa construções ainda não abordadas na literatura vigente. Vale ressaltar que, além de apresentarem elevada frequência de uso, as construções substitutivas têm sua convencionalidade atestada pelo amplo emprego em textos de modalidade escrita na variedade padrão do idioma. Ao analisar e descrever tais estruturas oracionais, identificamos que elas não se encaixam nas categorias de coordenação e subordinação, dois únicos processos de integração de orações descritos na teoria da gramática padrão, como podemos atestar em Bechara (2009), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (2011). Sendo assim, partimos para a teoria da correlação de Oiticica (1945;1952) e de trabalhos em abordagem funcionalista que tratem da correlação – como Castilho (2014), Duarte (2013), Rosário (2012) e Rodrigues (2013), uma vez que as construções substitutivas não se caracterizam apenas pela presença de um único conector como elo entre duas orações, mas, principalmente, de um par correlativo que pode ser dividido em prótase (elemento negativo) e apódose (conector de valor adversativo, seguido ou não de partícula de reforço). Para a realização da análise das estruturas oracionais, objetos de investigação deste trabalho, tomamos como *corpus* 100 dados coletados do sítio *Folha de São Paulo*, do gênero notícia jornalística, na modalidade escrita padrão em norma culta do português brasileiro.

Palavras-chave: construções substitutivas; articulação de orações; correlação.

Referências bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, M. E. Coordenação e Subordinação. In: VIEIRA, S. R. et al. (orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 205-223.

OITICICA, J. *Manual de Análise Léxica e Sintática*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945.

_____. *Teoria da Correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

ROCHA, L. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, V. V. (Org.). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

_____. Correlação. In: VIEIRA, S. R. et al. (orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 225-235.

ROSÁRIO, I. do. *Construções Correlatas Aditivas em Perspectiva Funcional*. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em Letras Estudos de Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

UM ESTUDO SOBRE O (R) NO PORTUGUÊS FALADO EM MAPUTO

Davi Bretas dos Santos Pessanha

Esta comunicação tem por objetivo apresentar os resultados finais da pesquisa sobre o R “forte” nos contextos inicial de vocábulo (como em *roça*) e intervocálico (como em *carroça*) e do R em coda silábica externa (como em *cortar*, *flor*) no Português de Moçambique (PM). As análises, realizadas à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968), baseiam-se em dados selecionados de entrevistas realizadas com indivíduos distribuídos por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade e pertencentes ao *Corpus* Moçambique do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (UFRJ). Organizaram-se três amostras correspondentes a cada um dos contextos e controlaram-se variáveis de cunho estrutural, entre outras, os contextos antecedente e/ou subsequente, a tonicidade da sílaba, a classe e o número de sílabas do vocábulo. Quanto às variáveis sociais, além das já referidas, consideraram-se o *estatuto do Português* (L1 ou L2) e a maior ou menor frequência de *uso de outra(s) língua(s) faladas pelos informantes*, tendo em vista o perfil multilinguístico que caracteriza a área. Os resultados demonstram que, embora todos os indivíduos façam uso do tepe e da vibrante alveolar, nos contextos pré-vocálicos há maior

produtividade da primeira variante na fala de indivíduos que têm o Português como L2 e da segunda, entre falantes de Português L1. Em contexto de coda externa, predomina o tepe, secundado pelo apagamento, ainda com pouca representatividade em relação ao que se verifica no Português do Brasil. Para a implementação das variantes, mostraram-se salientes sobretudo as variáveis *estatuto do Português*, *faixa etária* e *nível de escolaridade*. Com base nos resultados, infere-se que, no PM, a variação dos róticos é socialmente condicionada, o que parece decorrer, como se indica nas conclusões do estudo, do contato multilinguístico, uma vez que, em Moçambique, coexistem com o Português cerca de 26 línguas do grupo Banto (Gonçalves, 2010), entre as quais o Changana, predominante em Maputo, a área em que se realizaram as entrevistas.

Palavras chave: róticos; contextos pré vocálicos; coda silábica externa; Português de Moçambique.

Referências bibliográficas

GONÇALVES, P. *A gênese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

CONSTRUÇÕES SEMI-INSUBORDINADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SINCRÔNICA

Eder Cavalcanti Coimbra
Flávia B. M. Hirata-Vale

Evans (2007) define como insubordinadas construções formadas por orações com marcas de subordinação empregadas de forma independente, sem uma oração com a qual se relacionem sintaticamente, fenômeno descrito no português brasileiro (PB), a partir dessa perspectiva teórica, por Hirata-Vale (2015, 2017) e Hirata-Vale, Oliveira e Silva (2017), e caracterizado ainda por Decat (2011) como orações desgarradas. Um processo relacionado à insubordinação é o da semiinsubordinação, definido por Van Linden e Van de Velde (2013) como aquele que se dá quando uma oração com marcas de subordinação vem precedida por um elemento não-oracional com o qual se relaciona sintaticamente de forma semelhante à subordinação, como atestado no espanhol por Sansiñena (2015), e no norueguês por Beijering (2016), como em: (1) Os médicos orientais recomendam comer inhame para fortificar os gânglios linfáticos, que são os postos avançados de defesa do sistema imunológico. Curioso que a forma do inhame seja tão semelhante à dos gânglios. (Corpus do Português/PB). Neste trabalho, propõe-se a análise de construções semi-insubordinadas no PB, coletadas no Corpus do Português (DAVIES e MICHAEL, 2006) a fim de caracterizá-las sintática, semântica e pragmaticamente. Assim, vai-se determinar quais elementos precedentes de cláusulas-que podem constituir construções semi-insubordinadas no PB, como se relacionam sintática e funcionalmente o elemento precedente e a cláusula-que no PB e quais são os contextos de ocorrência das construções semi-insubordinadas no PB. Além disso, vai-se proceder à aplicação de testes, a partir de restrições e especificidades apontadas por Sansiñena (2015). Espera-se, por fim, que este

trabalho possa auxiliar na compreensão do fenômeno no PB e na discussão sobre a articulação entre orações para além da dicotomia coordenação/subordinação. (FAPESP 2018/07733-7).

Referências bibliográficas

BEIJERING, K. Semi-insubordinate at-constructions in norwegian: formal, semantic and functional properties. *Norsk Lingvistisk Tidsskrift*, 34, p. 161-182, 2016.

DAVIES, M., MICHAEL, F.. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

DECAT, M. B. N. Estruturas desgarradas em língua portuguesa. Campinas: Pontes. 2011.
EVANS, N.. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.). *Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

HIRATA-VALE, F. B. M.. *O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015.

_____. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. *Estudos linguísticos* (SÃO PAULO. 1978), v. 46, p. 83-97, 2017a.

HIRATA-VALE; OLIVEIRA, T. P. ; SILVA, C. F.. Construções insubordinadas no português do Brasil: completivas e condicionais em análise. *Revista odisséia*, v. 2, p. 25-41, 2017.

SANSIÑENA, M. S. *The multiple functional load of que: an interactional approach to insubordinate complement clauses in Spanish*. Phd. Dissertation. KULeuven, 2015.

VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F.. (Semi-)autonomous subordination in Dutch: Structures and semantic- pragmatic values. *Journal of Pragmatics*, n. 08, v. 22, 2013, p. 226- 250.

A LATERAL [+ANT] EM CONTEXTO DE CODA NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

Felipe de Souza Freitas
Mariana Joel Nunes

Neste estudo, vinculado ao Projeto *Três variedades urbanas do Português em contraste*, tem-se por objetivo observar a concretização do /l/ em contexto de coda silábica interna (*caldo, maldade*) e externa (*banal, sal*) na variedade urbana do Português de São Tomé (PST) à luz do que se observa não só no sistema fonológico do Português Europeu (PE) – a sua norma de referência –, mas também no do Forro (FERRAZ, 1979), o crioulo mais falado em São Tomé. Parte-se da hipótese de que o processo de vocalização nessa variedade não estaria tão adiantado como no Português do Brasil (PB) e que, a depender

do nível de escolaridade do indivíduo, a lateral seria produzida como alveolar velarizada e, em alguns casos, como alveolar seguida por vogal abrindo sílaba, como em *cana[le]*. As análises realizadas com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG 1968) apoiam-se em *corpora* selecionados de 18 entrevistas com indivíduos distribuídos por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade, pertencentes ao *Corpus VAPOR* (Variedades Africanas do Português) do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Organizaram-se duas amostras referentes a cada contexto (medial e final) e controlaram-se variáveis estruturais (como os contextos antecedente e/ou subsequente, a tonicidade da sílaba, a classe e o número de sílabas do vocábulo) e sociais, como as já referidas e, ainda, *frequência de uso de um crioulo*, tendo em vista que cerca 34% dos falantes dominam o Forro, crioulo que compete com o Português, falado por 98,4% da população. Os resultados da pesquisa recém-iniciada sugerem haver competição entre as variantes, registrando-se, inclusive, casos de cancelamento da lateral.

Referências bibliográficas

FERRAZ, Luiz Ivens. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

AINDA SOBRE OS RÓTICOS NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

Helen Lorena Rodrigues Elias Cordeiro
Stefany de Paulo Ponte

Análises realizadas por Brandão et al (2017) indicaram que, no Português de São Tomé (PST), o tepe predomina não só nos contextos intervocálico (*carro*) e inicial de vocábulo (*roça*), em que compete com a vibrante alveolar, mas também em coda silábica interna e externa (respectivamente, como em *corda* e *comer*). Os autores registraram, ainda, a ocorrência de variantes fricativas, em especial a uvular sonora, indicada por Bouchard (2017) como frequente na fala de jovens, sobretudo nos contextos exemplificados no vocábulo *professora*. Nesse sentido, este estudo, que se insere no Projeto *Três variedades urbanas do Português em contraste*, tem por objetivo complementar a referida análise de Brandão et al. observando a atuação dos róticos no contexto intervocálico, como em *caro*, e em ataque complexo, como em *prato*, buscando averiguar os fatores estruturais e extralinguísticos que determinam a implementação das variantes [-ant] de R. Na análise, realizada segundo os princípios da Teoria da Variação e Mudança, consideraram-se dados selecionados de entrevistas do tipo DID, pertencentes ao *Corpus VAPOR*, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, e realizadas com santomenses distribuídos por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade. Organizaram-se duas amostras, referentes a cada um desses contextos, e controlaram-se variáveis estruturais (como os contextos antecedente e subsequente, a tonicidade da sílaba, a classe e o número de sílabas do vocábulo) e sociais, como as já referidas e, ainda, *frequência de uso de um crioulo*, tendo em vista que cerca 34% dos falantes dominam o Forro, crioulo que compete com o Português, falado por 98,4% da população. Os resultados indicam que, nas amostras

observadas, as variantes [-ant] têm ainda baixa frequência, menor do que a indicada por Bouchard (2017), em virtude de fatores que são discutidos na seção conclusiva do estudo e que dizem respeito a um processo acelerado de mudança observado no PST.

Referências bibliográficas

BOUCHARD, Marie-Eve. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. Doctoral dissertation. New York University, 2017.

BRANDÃO, Sílvia F; PESSANHA, Davi; PONTES, Stefany; CORRÊA, Monique. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia*, 27(2): 191-213, 2017.

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS: A REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA DO ATAQUE COMPLEXO

Jéssica da Costa Pinheiro

O presente trabalho analisa os erros ortográficos na representação de *onset* complexo preenchido por consoante líquida não-lateral /R/: (**vitrola**, **prego**, **frutas**, **livros** etc), em produções escritas de alfabetizandos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, no âmbito da extensão universitária, no Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa tem como objetivos: i) buscar explicações na Fonologia para as diferentes representações de *onset* complexo, ii) analisar os condicionamentos linguísticos propiciadores dos erros ortográficos, iii) e, nesse sentido, unir os conhecimentos acadêmicos relativos a pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação ao Ensino, iv) propor exercícios que visem a facilitar aprendizagem dessa estrutura silábica, v) refletir sobre o processo de alfabetização em turmas da EJA, além de vi) pensar a importância da prática docente desde o início da graduação. Pressupõe-se que os erros ortográficos constituem hipóteses dos aprendizes acerca do que é a escrita e que, para isso, utilizem o conhecimento fonológico internalizado, bem como seu letramento social. Assim, o *corpus* ainda em análise mostra, a priori, que os elementos que ocorrem com maior frequência são a metátese, a epêntese, e o apagamento do segundo elemento do onset, o que enfatiza às possibilidades de representações ortográficas não convencionais por parte dos alfabetizandos. O *corpus* é coletado em uma turma de EJA, localizada no bairro Jardim Guanabara, Ilha do Governador, cujos dados serão explicitados por meio de diferentes atividades, como: produção de escrita livre, exercícios de interpretação e compreensão textual, ditados, imagens de palavras que apresentem a sílaba com *onset* complexo. Ressalta-se que a turma de alfabetização de adultos não apresenta equilíbrio em relação ao sexo e à faixa etária dos alfabetizandos, além de esses se encontrarem em diferentes estágios no processo de alfabetização. A pesquisa se baseará nos estudos da Fonologia e da Aquisição Fonológica da Linguagem, na Fonologia Prosódica, na Teoria da Sílaba e da Variação e Mudança (BISOL, 2005; COLLISCHONN, 2005; NESPOR e VOGEL, 1986; LAMPRECHT et alii, 2004; WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2008).

USOS DAS CONSTRUÇÕES “SE BEM QUE” E “POSTO QUE” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar os usos das construções “se bem que” e “posto que” no português brasileiro a partir dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010; CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Essa abordagem tem como foco o estudo da língua baseado nas funções que ela desempenha em atividades discursivas gerais do cotidiano social por meio da constante simbiose entre discurso e gramática. As construções em estudo são instâncias do esquema mais abstrato [XQUE]_{CONNECT}, que gera subesquemas com diferentes papéis semântico-pragmáticos. Os dados coletados e analisados na pesquisa são oriundos de amostras disponíveis online. Em relação ao “se bem que”, utilizamos o *Corpus Discurso & Gramática* e o *Corpus Projeto da Norma Oral Culta do Rio de Janeiro*; em relação à outra construção, recorreremos ao *Corpus do Português*. Metodologicamente, adotamos uma análise qualitativa e quantitativa com grupos de fatores pragmáticos e estruturais que parecem estar associados aos usos das construções analisadas. No estudo dessas construções, alguns dos nossos objetivos são (a) mapear seus usos semântico-pragmáticos (SANTOS, 2003) e (b) observar aspectos estruturais que possam estar ligados aos usos dessa construção. Algumas de nossas hipóteses acerca da construção “se bem que” são: (i) a construção apresenta multifuncionalidade, tendo como função base a ressalva, que acontece quando o falante realiza uma reformulação discursiva; (ii) a construção “se bem que” é combinada ao conector “mas” devido ao enfraquecimento semântico dessa última conjunção. Enquanto nossas hipóteses para a construção “posto que” são: (i) as ocorrências dessa construção são verificadas tanto no modo indicativo como no subjuntivo e (ii) a construção “posto que” pode apresentar valor adverbial causal, diferentemente do que afirmam as gramáticas tradicionais, que a classificam com valor concessivo. Alguns exemplos dessas construções são: (a) “É um princípio extremamente contemporâneo, **posto que** o administrado deve ter suas demandas atendidas com presteza e o serviço público tem de ser prestado como todo e qualquer serviço da atualidade e dar ao público o atendimento qualitativo e satisfatório.” (*Corpus do Português*) e (b) D: Você falou que agora há, há uma incidência muito grande de câncer, não é? Você faz exames periódicos? L: Fazia exames periódicos e pretendo continuar a fazer, não é? **Se bem que** agora, nesta parte, não terei tanto, né? Só a, vamos dizer, seios, aí sim, é que a gente tem que fazer sempre, né? (*Corpus Projeto NURC*).

Referências bibliográficas

CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro, Mauad-X, 2013.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.;

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. 1ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, v. 1, p. 2-140.

A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA VARIEDADE BRASILEIRA DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

Larissa de Souza Monteiro

O presente trabalho, que se insere no Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*, tem como objetivo descrever a expressão de primeira pessoa do plural com *nós* e com *a gente* e os respectivos padrões de concordância em variedades urbanas do Português do Brasil (PB). A partir disto, observa o comportamento das ocorrências de verbos relacionados com os sujeitos de primeira pessoa plural no Banco de dados *Concordância* (www.concordancia.letras.ufrj.br), partindo dos preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). A análise desse fenômeno em trabalhos anteriores (VIANNA, 2011; VIEIRA; BRANDÃO, 2014) e a observação preliminar dos dados sugerem que as formas *a gente* e *nós* admitem tendências diferentes em relação à variedade europeia. No que se refere aos padrões empregados com a forma *nós*, haveria forte realização do verbo em P4. Embora no PB se registre a concordância padrão (*nós cantamos*) e não padrão (*nós canta*) com verbos de primeira pessoa do plural, essa variação parece ser menos evidente em dados urbanos, em que se registra preferencialmente a primeira opção. Quanto à forma *a gente*, o PB prefere a forma do verbo em P3 (*a gente canta*), distanciando-se, assim, da variedade europeia, que possui maior variação entre singular e plural. Interessa verificar, com base no tratamento estatístico provido pelo pacote de programas Goldvarb-X, os padrões de concordância verbal na variedade em questão, perseguindo o objetivo de identificar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos para a realização das formas alternantes, com ou sem marcação padrão de pluralidade (*nós cantamos / nós canta; a gente canta / a gente cantamos*). Esses falantes, homens e mulheres, todos com ensino fundamental, são distribuídos por três faixas etárias (18 a 35 anos; 36 a 55 anos; acima de 55 anos). Além dos fatores extralinguísticos, são controladas variáveis de natureza linguística, relacionadas ao sujeito e à forma verbal. Espera-se, assim, que o trabalho contribua com a descrição do quadro pronominal e dos padrões de concordância da variedade brasileira do português. Em última instância, resultados da investigação, somados aos de outros trabalhos, poderão permitir conclusões acerca das motivações linguísticas e extralinguísticas para a mudança registrada na variedade brasileira do Português em relação à norma de referência, a da variedade europeia do Português.

Referências bibliográficas

VIANNA, J. B. De S. *Semelhanças e diferenças na implementação de A gente em variedades do português*. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística* 30 (2), p. 81-112, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS

Leticia Loureiro

Este trabalho objetiva, com base na proposta Funcionalista e com a contribuição da Semântica Cognitiva, o estudo da produtividade e da composicionalidade de construções “subjativas”, que se realizam, sintaticamente, como oração matriz + oração completiva com função de sujeito [V. SER + nome oração matriz [oração subjativa]]. A estrutura morfossintática unipessoal, quase categórica, de verbo ser na 3ª. pessoa do singular da oração matriz, mais adjetivo, auxilia a leitura semântica de impessoalidade e de generalidade. A posição da oração matriz no início da construção projeta a posição do falante, através de avaliações deônticas, epistêmicas e avaliativas, em relação ao evento que ocorre sob a forma de completiva. A análise dos contextos que nos levem a considerar a esquematização (nos termos de Bybee (2011) de construções subjativas terá como apoio, para a construção da rede, análises de amostras pancrônicas dos séculos XIII a XXII, em pares opositivos de identificação das orações matrizes (a) epistêmicas: provável, natural, possível, óbvio, ; (b) deônticas (adjetivos preciso e necessário); e avaliativas factivas e não factivas (DUARTE, 2003:602): bom, ruim, justo, fácil, difícil, indiscutível, inegável, melhor, verdade, indispensável, ridículo, forçoso, explicável, (des)agradável, lamentável, doloroso, útil, original, entre outros. Da perspectiva que concebe a produtividade como frequência, pode-se afirmar que as construções avaliativas subjativas são pouco produtivas: em um corpus constituído por 2.528.176 milhões de palavras, foram identificadas apenas 749 orações, envolvendo os séculos XIV a XXI. Da perspectiva que concebe produtividade como a probabilidade que as posições abertas de uma construção têm de serem ocupadas por novos itens, conforme Bybee (2010), ela é determinada, em grande medida, pela frequência type, os slots da construção subjativa sofrem restrições de preenchimento que dependem do tipo de oração matriz: epistêmica, deôntica ou avaliativa. Já a composicionalidade é caracterizada por Bybee, com base em (Langacker 1987), como uma medida semântica, como o grau de predizibilidade do significado do todo a partir do significado das partes que o compõem. As construções subjativas avaliativas são mais composicionais, isto é, permitem que ainda se identifiquem as partes da construção.

Referências bibliográficas

BYBEE, Joan. *Língua, Uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.

DIAS, Nilza Barrozo; BRAGA, Maria Luiza. Construções subjativas avaliativas no português do Brasil. In: *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Oliveira e Cezário (Org.) EDUFF. Niterói. 2017.

LANGACKER, Ronald. On the Subject of Impersonals. In: *Cognitive Linguistics: convergence and expansion*. John Benjamim. 2011.

NEVES, Maria Helena Moura. A Modalidade. In: Koch, I.G.V (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. VI: desenvolvimentos, 1996, pp.163-260.

CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PERSPECTIVA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Lucas Alves Costa

Esta pesquisa é um estudo sobre construções existenciais no português brasileiro contemporâneo. Os trabalhos de Avelar (2006a), Pezatti (2014) e Vitorio (2008) constataram que há um tipo de construção na qual os verbos Ter, Haver e Existir são utilizados como introdutores de objeto de discurso na sequência enunciativa. A partir disso, objetiva-se analisar as propriedades semântico-cognitivas, morfossintáticas e pragmáticas dessas construções, considerando-as um pareamento forma e sentido convencional disponível na gramática do português. Para tanto, mobiliza-se os pressupostos teóricos-metodológicos da abordagem centrada no uso, mais especificamente da Semântica de Frames, nos termos de Fillmore (1982, 1985), e da Gramática de Construções, na vertente de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001). A abordagem construcional considera a linguagem integrada às capacidades cognitivas, sociointeracionais e culturais, e a língua como um sistema adaptativo complexo, com uma estrutura fluída, ou seja, procedural. Precisamente, a Semântica de Frames reconhece que o sentido envolve uma teia de conhecimentos culturais do mundo, sendo as experiências sensorio-motoras fontes primárias desses conhecimentos e, assim, os sentidos são relativizados às cenas. Já a Gramática de Construções define a gramática de uma língua como uma rede conceitual, um sistema de entidades interconectadas cognitivamente, sendo o sentido construcional baseada na experiência humana (GOLDBERG, 1995; FILLMORE, 1985; LAKOFF, 1987). Os corpora escolhido para o estudo são o corpus do projeto Fala Goiana e um exemplário de textos escritos depreendidos de páginas públicas de jornais na rede social Facebook. As análises demonstram que essa construção apresenta graus de abstratização, ou seja, níveis de esquematicidade, atuando no nível textual, auxiliando o processo de referência e no grau de informatividade.

Palavras-chave: semântica de frames; gramática de construções; construções existenciais.

Referências bibliográficas

AVELAR, J. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de haver no português brasileiro. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 23, n. 13, p. 116 - 145, 2006a.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the Morning Call*. Seoul: Hánshin, 1982.

_____. Frames and the semantics of understanding. In: *Quaderni di Semantica*, v. 6, p. 222 - 254, 1985.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: the nature of generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

PEZATTI, E.G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola, 2014.

VITORIO, E. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2008.

FALANDO IMENSO: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO [V AA] NO PORTUGUÊS EUROPEU ATUAL

Manuel Coutinho da Assunção Junior

Este trabalho apresenta como objetivos principais: (i) o delineamento da rede da construção com adjetivo adverbial – [Verbo Adjetivo Adverbial] – no português europeu atual e (ii) a comparação desta à rede equivalente na variedade brasileira contemporânea. Para atingir as metas traçadas nesta pesquisa, utilizamos a versão mais recente do *Corpus do Português*, que disponibiliza uma vasta gama de ocorrências presentes em diversos domínios discursivos/gêneros textuais, possibilitando, assim, um rastreamento acurado dos construtos da construção sob investigação. Ademais, temos como ponto de partida e base teórica a Linguística Funcional Centrada no Uso. Sendo assim, consideramos as línguas como redes simbólicas de construções (Goldberg, 1995, 2006; Hudson, 2007; Traugott e Trousdale, 2013), sendo essas, por sua vez, unidades de pareamento forma-sentido. Portanto, neste estudo, investigamos fatores estruturais e discursivo-pragmáticos da construção, como os tipos e itens verbais e adjetivais por ela licenciados, a ordenação dos elementos componentes da mesma, a possível presença de elementos intervenientes e a natureza desses, a estrutura informacional e o domínio discursivo/gênero textual e o nível de formalidade em que esta construção ocorre. No que tange a este fator especificamente, destacamos que, embora Hummel (2002) afirme que o uso do adjetivo adverbial esteja mais fortemente relacionado à informalidade e à oralidade, supomos que haja outras diferenças discursivo-pragmáticas (e também de cunho estrutural) no uso do padrão construcional [V AA], hipótese que devemos à ocorrência significativa de tal construção em textos escritos e de maior grau de formalidade no português brasileiro atual, como atestado por Tiradentes (2018). Assim, estabelece-se a possibilidade de que a construção referida seja a única forma disponível no sistema linguístico do falante para desempenhar uma função comunicativa específica, que, provavelmente, não é completamente contemplada pelos demais padrões construcionais adverbiais de mesma base lexical, como os advérbios em *-mente* ou as locuções adverbiais. Por fim, até o presente momento, os dados analisados apontam que a construção [V AA] é consideravelmente mais produtiva no português brasileiro do que em sua contraparte europeia, o que corrobora a nossa hipótese acerca da já aparente diferenciação progressiva e exponencial entre essas duas redes linguísticas.

Referências bibliográficas

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, A. T. O Sintagma Adjetal. In: *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 511-539

GOLBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: The nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006

HUDSON, R. *Language Networks: the new Word Grammar*. Oxford University Press, 2007.

TRAUGOTT, EC; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013

HUMMEL, M. A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, Actas do Sexto Congresso da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999), http://www.geocities.com/ail_br/ail.html. 2002.

ANÁFORAS DIRETAS EM ENTREVISTAS ONLINE

Marcele Mendanha Pereira

Este trabalho consiste em uma análise da construção de objetos de discurso em entrevistas do portal de notícias *teen* PopLine a partir das estratégias de referenciação. Destacamos, especificamente, as anáforas diretas. Este é um portal criado no ano de 2006 e tem como público-alvo a massa jovem da população. O site engloba entrevistas e notícias abrangentes da cultura POP nacional e internacional. Há, também, uma extensão do site, chamada RockLine, que abrange o gênero musical Rock. As entrevistas analisadas são de artistas nacionais falando sobre seus respectivos projetos na área da música. Os pressupostos teóricos em que esta análise é baseada englobam a interface entre a Linguística Textual e a Linguística Funcional Norte-Americana (NEVES, 2004; CASTANHEIRA, 2017), abordagens que estudam a língua sob uma perspectiva discursiva, textual e sociocognitiva. O Funcionalismo, segundo Neves (1997), se preocupa com as relações entre a língua e as diversas modalidades de interação social; estudando, portando, a língua como objeto contextualizado e acreditando ser um importante papel de estudo, em particular o contexto social, na compreensão da natureza das línguas. Já a Linguística Textual (LT) evoluiu a partir de uma análise que nasceu como extensão da linguística da frase, e que, portanto, via o texto como um encadeamento de frases. Entretanto, ela consolidou-se exatamente como um aparato de investigação que prescinde da consideração de instâncias menores pré-estabelecidas e pré-estudadas, porque fixa como objeto de estudo o texto. Atualmente, segundo Cavalcante (2011), os objetos de investigação da LT são as relações de sentido nele construídas, incluindo a referenciação. Esse fenômeno está relacionado a uma visão sociocognitiva e interacional,

presente nos estudos do texto. Metodologicamente, seguimos uma abordagem qualitativa, considerando a análise dos dados encontrados. Nossos resultados apontam para a construção subjetiva dos objetos do discurso presentes nas anáforas diretas das entrevistas. Podemos verificar um exemplo no seguinte fragmento: “O cantor, compositor e músico Di Ferrero, de 32 anos, voltou cantando esses versos dez meses após o anúncio do hiato da banda Nx Zero. Primeiro single de sua carreira solo, “Sentença” é diferente de tudo que já se ouviu o matogrossense cantar.” O vocábulo destacado “matogrossense” é uma anáfora direta que apresenta um posicionamento discursivo do enunciador em relação ao que é dito, colaborando para a construção de sentido da entrevista.

Referências bibliográficas

CASTANHEIRA, D. *Uso de adverbiais modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: reflexões e propostas de atividades*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CAVALCANTE, M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. Funcionalismo e Linguística do Texto. *Revista do GEL* (Araraquara), Araraquara, v. 01, p. 71-89, 2004.

AS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS COM A CONJUNÇÃO “SE” NO PORTUGUÊS DO BRASIL SOB UMA PERSPECTIVA DIACRÔNICA

Maria Carolina Coradini
Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

O fenômeno da insubordinação tem sido questão central em trabalhos de cunho funcionalista. Trata-se de construções que, embora apresentem marcas típicas de subordinação, funcionam desvinculadas de uma oração principal. Essas construções, chamadas de insubordinadas, estão em processo de descrição em diferentes línguas como o holandês, português e espanhol (D’Hertfelt, 2015; Hirata-Vale, 2015; Sansiñena, 2015). No português brasileiro (PB), tomando como base as reflexões teóricas desenvolvidas por Evans (2007), destacam-se os trabalhos de Hirata-Vale (2015, 2017), que descrevem o funcionamento dessas construções, como em: (1) Máiquel: A nossa empresa cuida de... A nossa organização proporciona serviços pra mais de trinta empresas. Aqui está a relação delas. Se quiser ligar pra confirmar. (HIRATA-VALE, 2017, p. 91) Semelhante análise tem sido desenvolvida a partir de outra perspectiva teórica por Decat (2011), que denomina essas construções desgarradas. Esses trabalhos assumem uma perspectiva sincrônica e, portanto, não se dedicam efetivamente a explicar o processo de constituição histórica dessas construções, tal como proposto por Evans (2007), que invoca o fenômeno da elipse para justificar a existência de construções insubordinadas. O autor estabelece uma trajetória de insubordinação que passa por três estágios anteriores à construção ser convencionalizada com significado independente, adquirindo uma nova função no sistema linguístico, isto é, apresentar-se como uma mudança na língua. Desse modo, o

objetivo deste trabalho é analisar as construções condicionais in subordinadas com a conjunção “se” no PB, com base em Evans (2007), para determinar sua trajetória de in subordinação dentro de um quadro de possíveis motivações para a mudança nas línguas, proposto por Deutscher (2014). Para tal, serão coletadas ocorrências dessas construções nos corpora Corpus do Português (Davies e Michael, 2016) e Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (Galves, Andrade, Faria, 2017), ambos disponíveis online, para observar diferentes contextos de uso e os sentidos empregados nessas construções no momento do uso. Espera-se assim contribuir para uma descrição ampla desse fenômeno aprimorando seu tratamento no PB e em outras línguas. (FAPESP 2018/07734-3)

Referências bibliográficas

DAVIES, M., MICHAEL, F. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006.

DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes. 2011.

DEUTSCHER, G. *O desenrolar da linguagem*. Campinas: Mercado de Letras. 2014.

D'HERTEFELT, S. *Insubordination in six Germanic languages*. Tese de doutorado. Katholieke Universiteit Leuven. 2015.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Org.). *Finiteness: theoretical and empirical foundations*. p. 366-431. Oxford University Press. 2007.

GALVES, C., ANDRADE, A. L., FARIA, P. *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*. 2017.

HIRATA-VALE, F. B. M. *O processo de in subordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholieke Universiteit Leuven, 2015.

_____. Construções condicionais in subordinadas no português: usos metatextuais. *Estudos Linguísticos*, v. 46, p. 83-97, 2017a.

SANSIÑENA, M. S. *The multiple functional load of que*. An interactional approach to in subordinate complement clauses in Spanish. Tese de Doutorado. Katholieke Universiteit Leuven, 2015.

VARIAÇÃO/MUDANÇA LINGUÍSTICA DAS PREPOSIÇÕES QUE COMPLEMENTAM VERBOS DE MOVIMENTO: O CONTRASTE ESTILÍSTICO EM DUAS AMOSTRAS DE FALA

Maria Eduarda Oliveira da Silva

Neste trabalho serão divulgados dados referentes à pesquisa do projeto de iniciação científica, que tem como objetivo analisar as preposições utilizadas para estabelecer a relação entre os verbos locativos (*caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, vir e voltar*) e as suas complementações, com a intenção de apurar a variação/mudança

construcional ou construcionalização gramatical das mesmas. Este estudo tem como base as hipóteses teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (CROFT, 2000, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Além disso, examinamos os dados da Amostra de Interação (AI), com o intuito de comparar os resultados de duas amostras de fala, o contraste estilístico entre os dois tipos de amostras do banco de dados: Amostra Censo (AC) (WIEDEMER, 2013) e Amostra Interação (AI) que envolvem as preposições. Para a análise, utilizamos dados do português contemporâneo, que são provenientes do Banco dos Dados Iboruna do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). Neste banco de dados é documentada a variedade do PB falado na região noroeste do Estado de São Paulo, abrangendo sete municípios, São José do Rio Preto e seis cidades que lhe fazem fronteira (GONÇALVES, 2007). Seleccionamos apenas as gravações que são compostas pela AI, coletada em contexto de interação livre, sem prévio aviso, e, portanto, sem o possível controle de variáveis sociais (GONÇALVES, 2008). As entrevistas são produzidas por indivíduos de todas as idades e níveis de escolaridade. Foram analisadas 11 entrevistas, totalizando 3 horas, 5 minutos e 9 segundos de áudio. A idade média dos participantes é de 44 anos e pode-se observar que as entrevistas que contém informantes linguísticos com idade igual ou maior a essa são menos escolarizados e produziram mais ocorrências de preposições variáveis. Logo, inicialmente, considera-se que a esquematicidades/produzibilidade das preposições diante dos verbos locativos está inserida num contexto mais informal, menos escolarizados e na comunicação de pessoas de maior idade.

Referências bibliográficas

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>, 2007. GONÇALVES, 2008a.

WIEDEMER, M.L. *Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – UNESP, São José do Rio Preto, 2013.

IMPESSOALIZAÇÃO DISCURSIVA MEDIANTE ESTRUTURAS DE PASSIVIDADE COM E SEM PRONOME *SE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Sabrina de Andrade Silva
Millena Machado de Aguiar

Trataremos, sob um viés socioconstrucionista (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 1995, 2006; LABOV, 2010; MACHADO VIEIRA, 2016), de usos de pareamentos forma-função de predicação no Português acionados para a impessoalização discursiva (opacificação e desfocalização) de participante (indutor) na perspectivização de um estado de coisas. Focalizamos, nesta investigação preliminar, a alternância entre usos oriundos de padrões construcionais como: [SN Predicador complexo com Vauxiliar de voz passiva (SPgenérico/indeterminado)]predicação com participante indutor desfocalizado/fora de cena e [Predicador-SE SN]predicação com participante indutor desfocalizado/fora de cena. Tais padrões construcionais serão

pesquisados em textos acadêmicos brasileiros coletados em dois períodos de tempo em estudo de curta duração. Queremos saber: qual é o estatuto dessa variação e o que afeta o acionamento de um ou outro padrão? Nossa hipótese é a de que a microconstrução [SN Predicador complexo com Vauxiliar de voz passiva (SPgenérico/indeterminado)], na modalidade escrita, passa a ser cada vez mais usada na organização do discurso acadêmico brasileiro. Além disso, acreditamos que algumas variáveis podem interferir na alternância ora focalizada, tais como: perspectiva de conceptualização do estado de coisas, tipo de estado de coisas, tipo de construção de estrutura de argumentos, estrutura finita ou não-finita do predicador, estatuto semântico do SN, polaridade, gênero textual (resumo, artigo), área científica (humanas e tecnológica) e recorte temporal. Para a configuração da pesquisa sobre a relação entre essas variáveis e as variantes examinadas, partiremos de estudos anteriores (entre os quais, CAMACHO, 2006 e HUNDT et al., 2018). Nessa nossa primeira pesquisa sobre o tema, pretendemos alcançar, com base em tratamento qualitativo e quantitativo de dados do uso, uma descrição que contribua, em alguma medida, para um olhar mais funcional sobre a alternância em foco.

Referências bibliográficas

CAMACHO, R. G. A gradação tipológica das construções de voz. *Gragoatá*. Niterói, no. 21, p. 167-189, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HUNDT, M., RÖTHLISBERGER, M.; SEOANE, E. Predicting voice alternation across academic Englishes. *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*. Mouton de Gruyter, 2018.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Cognitive and Cultural Factors*. vol. III. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

MACHADO VIEIRA, M. S. Variação e mudança na descrição construcional: complexo verbo-nominais. *Revista Linguística*, n. especial, 2016. p. 152-170.

A POSSÍVEL EXISTÊNCIA DA VO MÉDIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Matheus B. Namen

Este trabalho tem por objetivo, apresentar proposta de estudo da voz média, suas características e funções. Através de pesquisa bibliográfica e análise de dados provenientes de textos do grego clássico e de amostras de fala do português brasileiro contemporâneo, busca contribuir para a compreensão dessa categoria de voz tão pouco investigada nas línguas em geral e, em particular, no português brasileiro.

Referências bibliográficas

MOSÂNIO TEIXEIRA DUARTE, PAULO. *A voz média em português: seu estatuto*. 1. ed. Ceará: [s.n.], 2015. 1 p. v. 1. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros//4606.pdf>>. Acesso em: 16 mar.2018.

GOMES CAMACHO, Roberto. *Em defesa da categoria de voz média no português*. 1. ed. São Paulo: Delta,2003. 1p. v. 19. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000100004. Acesso em: 14 set.2018.

JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. *Aprendendo grego: a edição brasileira do Reading Greek*. Tradução de Cecília Bartalotti e Lui Alberto Machado Cabral. 2°. ed. São Paulo: Odysseus Editora Ltda , 2014. 736. v. 1.

LINS BRANÃO, Jacyntho; OLÍVIA DE QUADROS SARAIVA, Maria; FIQUEIREDO LAGE, Celina. *Ellenika: Introdução ao grego antig. o2*. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 200. 88p. v.1.

IMPESSOALIZAÇÃO DISCURSIVA MEDIANTE ESTRUTURAS PASSIVAS COM E SEM PRONOME SE EM PORTUGAL

Morgana Pinheiro Albuquerque Kropf
Júlia Lessa dos Santos

Mapearemos, num enfoque socioconstrucionista (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 1995, 2006; LABOV, 2010; MACHADO VIEIRA, 2016), usos de padrões construcionais de predicação no Português acionados para a impessoalização discursiva (opacificação e desfocalização) de participante (indutor) na perspectivação de um estado de coisas. Centramos esta pesquisa inicial sobre o assunto na alternância entre usos oriundos de pareamentos forma-função como: [SN Predicador complexo com Vauxiliar de voz passiva (SPgenérico/indeterminado)] predicação com participante indutor desfocalizado/fora de cena e [Predicador-SE SN] predicação com participante indutor desfocalizado/fora de cena. Tais padrões construcionais serão investigados em textos acadêmicos portugueses coletados em dois períodos de tempo em estudo de curta duração. Desejamos saber: qual é o estatuto dessa variação e o que afeta o acionamento de um ou outro padrão? Nossa hipótese é a de que a microconstrução [Predicador-SE SN] predicação com participante indutor desfocalizado/fora de cena, na modalidade escrita, é bastante usada na organização do discurso acadêmico português. Também supomos que algumas variáveis podem interferir na alternância aqui em exame, tais como: perspectiva de conceptualização do estado de coisas, tipo de estado de coisas, tipo de construção de estrutura de argumentos, estrutura finita ou não-finita do predicador, estatuto semântico do SN, polaridade, gênero textual (resumo, artigo), área científica (humanas e tecnológica) e recorte temporal. Para a configuração da pesquisa sobre a relação entre essas variáveis e as variantes examinadas, partiremos de estudos anteriores (entre os quais, CAMACHO, 2006 e HUNDT et al., 2018). Por meio desse nosso primeiro estudo do tema, pretendemos obter, com base em tratamento qualitativo e quantitativo de dados do uso,

observações que colaborem, em algum grau, para um olhar mais funcional sobre a variação em jogo.

Referências bibliográficas

CAMACHO, R. G. A gradação tipológica das construções de voz. *Gragoatá*. Niterói, no. 21, p. 167-189, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HUNDT, M., RÖTHLISBERGER, M. & SEOANE, E. Predicting voice alternation across academic Englishes. *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*. Mouton de Gruyter, 2018.

TRAUGOTT, E. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Cognitive and Cultural Factors*. vol. III. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

MACHADO VIEIRA, M. S. *Variação e mudança na descrição construcional: complexo verbo-nominais*. Revista Linguística, n. especial, 2016. p. 152-170.

/S/ DIANTE DE FRICATIVA CORONAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO PORTUGUÊS EUROPEU

Paulo Vitor Lima da Gama Soares
Gabriel Lucas Martins

Chama a atenção, sobretudo na norma lisboeta do Português Europeu (PE), na fronteira de vocábulos em se encontram o /S/ pós-vocálico e uma fricativa alveolar (/s/ ou /z/) – um caso de sândi consonantal –, a assimilação do segundo segmento pelo primeiro, redundando numa fricativa pós-alveolar surda, como, por exemplo, em dua[ʃ]emanas (*duas semanas*). Em contrapartida, na norma carioca do Português do Brasil (PB), em que a assimilação, ao invés de progressiva, é regressiva, observa-se que a simplificação redundante na simplificação em [s] ou [z]. Com base nessas constatações, este estudo, que se vincula ao Projeto *Três variedades do Português em contraste*, constitui a etapa preliminar da pesquisa que tem por objetivo verificar o comportamento de /S/ em contexto de coda externa quando a ele se segue a fricativa /s/ ou /z/ em duas variedades africanas do Português (Português de São Tomé e Português de Moçambique). Para a viabilização da pesquisa, foi necessário observar esse contexto no Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (PB), focos da presente análise. No caso do PB, parte-se da hipótese de que a regra de assimilação regressiva é categórica, enquanto no PE, embora a assimilação progressiva predomine, ela teria caráter variável, conforme análise de Andrade; Rodrigues (2004), que afirmam que a implementação da fricativa pós-alveolar

ou da alveolar estaria sujeita a condicionamentos de ordem prosódica, atuando sobretudo no interior e na fronteira do sintagma fonológico. Para testar as hipóteses, organizaram-se duas amostras com dados selecionados de entrevistas com 54 informantes do PE e 36 do PB (distribuídos por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade) pertencentes ao acervo do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (UFRJ). Nas análises, realizadas segundo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, controlaram-se variáveis estruturais e as referidas variáveis sociais. Os resultados preliminares parecem ir ao encontro das hipóteses formuladas, que, uma vez confirmadas, poderão servir de base para verificar se, também nesse aspecto, há uma maior convergência entre variedades africanas e o PB do que entre estas e o PE, a exemplo do que se tem verificado por meio de análises de outras variáveis.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Amália; RODRIGUES, Celeste. Um exemplo de sandhi consonântico variável em Português: uma abordagem mista. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 19, 2003, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Colibri, 2004. p. 257-268.

SERÁ QUE DÁ CERTO? – UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DE MICROCONSTRUÇÕES DO ESQUEMA [DAR+ AA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Raissa Romeiro Cumán

O objetivo principal deste trabalho é realizar uma análise diacrônica de algumas microconstruções do subsquema [DAR + ADJETIVO ADVERBIAL] que se encontram construcionalizadas no português brasileiro (PB) atual, a saber: [dar certo], [dar errado], [dar bom] e [dar ruim]. Para atingir tal objetivo, fundamentamo-nos no aporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, entendendo tais sequências como pareamentos de forma-sentido (GOLDBERG, 1995; 2006, CROFT, 2001) componentes da rede de construções do PB, e pautamo-nos na proposta de mudança linguística apontada por Traugott e Trousdale (2013), segundo a qual a construcionalização seria um processo gradual em que são verificadas mudanças tanto no nível da forma quanto no nível do sentido de uma construção, ocasionando, por conseguinte, o surgimento de um novo pareamento, um novo nó na rede linguística. Vale salientar que, segundo Bybee (2010), a mudança, a competição e a estabilidade das construções linguísticas estão relacionadas à atuação de processos cognitivos de domínio geral. Dentre estes, é de suma importância para este estudo o processo denominado como *chunking*, através do qual sequências de unidades passam a ser interpretadas como um único bloco cognitivo – embora seja possível no PB atual, por exemplo, o uso do adjetivo *certo* como modificador do verbo *dar*, imprimindo-lhe a noção de modo (semântica qualitativa), espera-se que as ocorrências mais frequentes sejam da construção [dar certo] mais lexicalizada, com o sentido de “prosperar, ser bem-sucedido”. Os dados coletados para esse trabalho serão extraídos do *Corpus do Português*, *corpus* online que disponibiliza textos de diversos domínios/gêneros de diferentes sincronias. Buscando atingir o objetivo traçado, serão analisados fatores de ordem estrutural e pragmático-discursiva, como o grau de composicionalidade e analisabilidade da construção, a relação

entre o adjetivo e o verbo *dar*, a presença de elementos intervenientes, a estrutura informacional (foco exclusivo ou compartilhado) e o gênero textual em que os construtos de tais construções ocorrem. A hipótese que norteia esta pesquisa é de que a microconstrução [dar certo] teria, ao longo do tempo, se tornado menos composicional, apresentando, assim, um novo pareamento forma-sentido e passando a pertencer a um outro esquema na rede construcional. Essa mudança também seria verificada nas outras três microconstruções analisadas – [dar errado], [dar ruim] e [dar bom]. É importante ressaltar que o trabalho ainda se encontra em seu estágio inicial.

DA ESCRITA INTERNÉTICA À REDAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA: O PORTUGUÊS EM USO NA SALA DE AULA

Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira
Sáran Vasque de Oliveira

Este trabalho tem por objetivo investigar se - e como - a linguagem comumente utilizada em meios digitais influencia e/ou interfere, de alguma maneira, na estruturação linguística e gramatical, ou ainda, na tessitura textual de redações de caráter formal elaboradas por discentes do Ensino Fundamental II, de uma escola pública, e por discentes do Ensino Superior, de uma instituição privada, em uma turma do curso de Pedagogia, ambas no Rio de Janeiro. Além disso, esta pesquisa pretende explicar, igualmente através de análise dos textos produzidos, se as discussões suscitadas na sala de aula em torno das diferentes variedades linguísticas foram suficientes para que os alunos desses níveis de escolaridade compreendessem que, em função das diversas circunstâncias comunicativas, existe, por vezes, a necessidade de a língua portuguesa ser usada em sua modalidade mais formal, sobretudo em textos escritos, e, igualmente, há diversas ocasiões em que é facultado ao escritor o uso de uma linguagem mais coloquial. Pautando-se em teorias que fundamentem a questão das variantes linguísticas e da adequação da língua à situação de uso, assim como naquelas em que é elencada a organização linguístico-gramatical, principalmente no que diz respeito à sistematização dos usos, é que este estudo fará as análises pretendidas. Desse modo, entre outros materiais consultados como suporte para as avaliações, estão *A gramática de usos do português*, de Maria Helena de Moura Neves e *Texto e Gramática*, da mesma autora; *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*, de Luiz Carlos Travaglia; e *A língua como objeto da linguística*, de Antonio Vicente Pietroforte.

A PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA ATRAVÉS DE UM ESTUDO DE CASO NA LETRA DE MÚSICA “ONDE ANDA VOCÊ” DE VINÍCIUS DE MORAES

Tarcísio Francisco Oliveira Salatiel

Neste pôster, objetivamos discutir uma atividade concluída em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, cujo propósito foi aplicar uma proposta didática por meio de uma atividade de análise linguística. A presente proposta didática desenvolve atividades analisando as especificidades, as situações em interação, e as funções linguísticas e textuais dos gêneros de texto sob o viés da corrente do funcionalismo. A atividade foi realizada mediante a letra de música “Onde anda você”, de Vinícius de Moraes, em que os fenômenos linguísticos e textuais foram analisados no intuito da compreensão do texto.

Buscamos os aportes teóricos de Mendonça (2006) juntamente com o documento da Base Nacional Comum Curricular, Brasil (2017) para as concepções de Análise Linguística (AL). No primeiro momento, os alunos foram apresentados ao som da letra da música para leitura e análise. Depois disso, induzidos a detectarem as demarcações textuais como os tempos verbais das situações cantadas e a sucessão dos fatos ocorridos na letra da canção em ordem cronológica. Ainda, os alunos puderam investigar a/as figuras de linguagem, além das expressões e intenções do personagem protagonista, relacionando os itens lexicais para descobrirem o foco da canção. Feito isso, os alunos, em boa parte da turma, conseguiram descrever os passos mencionados e que, pelo o envolvimento com o texto, puderam ainda dialogar em grupos questões sobre o tema da canção, como saudade e um relacionamento amoroso que não mais existe. Por fim, salientamos que é necessário sim abordar a gramática nas atividades de Língua Portuguesa, contudo, revendo as definições sobre o que é gramática. Isso não tem nada a ver com o falar bem e bonito, impondo estruturas maçantes em um sistema padronizado e fixo. Devemos abordar um ensino de língua que se alia a todo o seu contexto sociohistórico que possui um agrupamento de práticas discursivas de modo que os membros de uma sociedade possam descrever, refletir, e utilizar essas práticas em todo o universo no globo.

Referências bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília, 2017.

MENDONÇA, M.R.S. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

OPERADORES RELACIONAIS E DE IGUALDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Viviane Corrêa de Souza

Este trabalho discute os resultados iniciais da análise das construções gramaticais formadas pela construção [X *igual* Y], em contextos de estruturas comparativas/igualdade no português brasileiro. A hipótese inicial é de que essa construção atua como operador relacional de igualdade entre duas orações, assumindo o papel de conjunção. O quadro teórico-metodológico desta pesquisa está fundamentado no quadro teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada de Uso (LFCU), em seu viés de cunho construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, CROFT, 2001 entre outros). Para implementar a análise, utilizamos dados oriundos do Corpus do Português, disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org>. Até o presente momento, realizamos duas etapas de pesquisa, que são apresentadas: (a) levantamento das definições em compêndios gramáticas; (b) análise inicial das estruturas formadas pela construção [X *igual* Y]. Segundo Mateus *et alii* (2003, p. 732), são consideradas como comparativas as frases em que, através da presença de um conector, se estabelece uma comparação entre duas expressões linguísticas, tendo em vista o grau de intensidade das propriedades ou as quantidades das entidades nelas referidas. Os resultados, até o presente momento, de demonstram que as gramáticas tradicionais concebem como conjunções comparativas os itens que, do que (depois de *mais, menos, maior, menor, melhor, pior*), *qual* (depois de tal), quanto (depois de tanto), *como, assim como, bem como, como se, que nem*, mas não incluem estruturas formadas com *igual* como comparação. Em relação aos contextos de

usos, percebe-se que a construção, aqui analisada, foi encontrada no sentido de igualdade/comparação, porém atuando como operador relacional de igualdade, mantendo seu significado básico adjetival.

Referências bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. *A nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed.; Rio de Janeiro: LEXICON, 2007.

CROFT, W. *Radical Construction*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and construction. Grammar. In: Castilho. Ataliba T. *História do Português paulista*. Campinas: IEL/Unicamp, 2009, p. 93-101. Série Estudos, v.1.

TROUGOTT, Elisabeth Closs & Trousdale, Graeme. *Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

USOS TRANSITIVOS DO VERBO *CESSAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Leonardo Maia do Carmo

O presente trabalho tem como objetivo investigar dois diferentes usos transitivos do verbo *cessar* no Português Brasileiro. Apesar de *cessar* ser considerado um verbo originalmente inacusativo do português, cuja estrutura argumental é [X_{paciente} VERBO], ele também é recrutado pela construção transitiva direta [X_{agente} V Y_{afetado}] e pela construção transitiva causativa [X_{agente} V.COM Y_{afetado}], recentemente descrita por Lopes (2015; 2017) e Lopes e Menezes (2018). Como podemos observar, temos duas construções transitivas que aparentemente se equivalem no polo do significado (ambas apresentam sujeitos agentes e objetos afetados), mas se diferenciam no polo da forma, (já que a segunda apresenta uma forma especificada, a preposição *com*). Dessa forma, partindo inicialmente da concepção da não-sinonímia de Goldberg (1995), buscamos entender se as duas construções são funcionalmente equivalentes. Para isso, procedemos a uma investigação quali-quantitativa, a partir de ocorrências das duas construções extraídas do *Corpus do Português*, tendo como aporte teórico a *Linguística Funcional Centrada no Uso*. Os resultados iniciais apontam que a construção transitiva direta e a construção transitiva causativa não são sinônimas, na medida em que apresentam propriedades semânticas e pragmáticas distintas. A primeira apresenta uma restrição quanto à seleção de objetos, que são sempre um substantivo com ideia de processo (como *atividade, contrato, operação, serviço, sangramento*, etc.), ao passo que a última não apresenta essa delimitação. No que tange ao uso transitivo causativo de *cessar*, encontramos nos dados, a instanciação tanto de objetos com ideia de processo (*chegada, desenvolvimento, oração, canto*, etc.) quanto outros que não contêm essa ideia

(constituição, obrigatoriedade, demônio, canto, etc). Lopes (2019, no prelo) defende que a construção transitiva causativa possibilita a extensão de contextos (ou generalização de contextos), conforme propõem Heine e Kuteva (2007). Nesse sentido, os verbos instanciados por essa construção admitem usos mais metafóricos e abstratos que a construção transitiva direta.

Palavras-chave: verbo *cessar*; construções transitivas; linguística funcional centrada no uso.